

Maria Loureto de Lima
Rosa Maria Elias de França
Antonia Angela de Lima



**AS DIFICULDADES NA
LEITURA E ESCRITA NO
ENSINO FUNDAMENTAL:
NUMA ESCOLA MUNICIPAL
DE CAJAZEIRAS – PB.**



AS DIFICULDADES NA LEITURA E
ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
NUMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CAJAZEIRAS – PB.

DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros

REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autores

DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira da Silva

DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking

IMAGENS DE CAPA: Freepik.com

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora HAWKING

Av. Comendador Francisco de Amorim Leão, 255 - Farol, Maceió - AL, 57057-780 www.editorahawking.com.br
editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

D569

As dificuldades na leitura e escrita no ensino fundamental: numa escola municipal de Cajazeiras–PB / Organizadoras Maria Loureto de Lima, Rosa Maria Elias de França, Antonia Angela de Lima. – Maceió: Hawking, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88220-70-2

DOI 10.29327/5325227

1. Leitura - Estudo e ensino (Ensino fundamental). 2. Escrita. I. Lima, Maria Loureto de (Organizadora). II. França, Rosa Maria Elias de (Organizadora). III. Lima, Antonia Angela de (Organizadora). IV. Título.

CDD 372.4

Índice para catálogo sistemático

I. Leitura - Estudo e ensino (Ensino fundamental)

Maria Loureto de Lima
Rosa Maria Elias de França
Antonia Angela de Lima

AS DIFICULDADES NA LEITURA E
ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
NUMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CAJAZEIRAS – PB.

Maceió-AL
2023



Direção Editorial

Dra. Betijane Soares de Barros, Instituto Multidisciplinar
de Alagoas
– IMAS (Brasil)

Conselho Editorial

Dra. Adriana de Lima Mendonça/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil), Universidade Tiradentes -
UNIT (Brasil)

Dra. Ana Marlusia Alves Bomfim/ Universidade Federal
de Alagoas –
UFAL (Brasil)

Dra. Ana Paula Morais Carvalho Macedo /Universidade
do Minho
(Portugal)

Dra. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli/Universidade
Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dr. Eduardo Cabral da Silva/Universidade Federal de
Pernambuco -
UFPE (Brasil)

Dr. Fábio Luiz Fregadolli//Universidade Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Maria de Lourdes Fonseca Vieira/Universidade
Federal de
Alagoas – UFAL (Brasil)

Dra. Jamyle Nunes de Souza Ferro/Universidade Federal
de Alagoas –
UFAL (Brasil)

Dra. Laís da Costa Agra/Universidade Federal do Rio de
Janeiro-
UFRJ (Brasil)

Dra. Lucy Vieira da Silva Lima/Universidade Federal de
Alagoas –
UFAL (Brasil)

Dr. Rafael Vital dos Santos/Universidade Federal de
Alagoas – UFAL
(Brasil), Universidade Tiradentes - UNIT (Brasil)

Dr. Anderson de Alencar Menezes/Universidade Federal
de Alagoas –
UFAL (Brasil)

ORGANIZADORAS

Maria Loureto de Lima



Dr^a. Em Ciências da Educação
Mestre em Ciências da Educação

E-mail: marialouretodelima@gmail.com

Rosa Maria Elias França Sousa



Mestre em Ciências da educação
Professora, Graduada em Pedagogia
Pós em Metodologia do Ensino

E-mail: rosafrancasousa@gmail.com

Antonia Angela de Lima



Dra. em Ciências da educação
Graduação em Pedagogia em Unifael.
Mestre em Ciências da educação pela Universidade Aberta do Brasil.

E-mail: angelaxavieroliveira9@gmail.com

DEDICATÓRIA

O desenvolvimento da leitura e escrita constitui-se um processo gradativo e representa um marco na história do homem. A partir do momento em que a criança entra em contato com os sinais gráficos o processo se inicia e é previsto que durante o seu desenvolvimento, se dê uma relação próxima de professor e aluno, permeada de mediações e intervenções objetivando sanar dificuldades ininterruptamente, atentando para não queimar etapas.

As dificuldades devem ser avaliadas na perspectiva de soluções. Sabe-se que as dificuldades também estão no campo externo é a avaliação diagnóstica de maneira assídua contribui consideravelmente para o processo de aquisição de leitura, fluir.

Essa produção exemplifica condutas a serem absorvidas na prática pedagógica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	
LEITURA E ESCRITA: DEFININDO CONCEITOS.....	13
CAPÍTULO 2	
OS DESAFIOS DA LEITURA E DA ESCRITA NA ATUALIDADE.....	29
CAPÍTULO 3	
A IMPORTÂNCIA DA HABILIDADE LEITORA NO DECORRER DA VIDA ESTUDANTIL.....	37
CAPÍTULO 4	
AS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	44
CAPÍTULO 5	
A FAMÍLIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	50
CAPÍTULO 6	
A RELAÇÃO DO PROFESSOR-E ALUNO COMO FACILITADOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA LEITURA.....	54
CAPÍTULO 7	
A APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ERA DIGITAL.....	61
REFERENCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o processo de leitura e escrita não se trata apenas de um produto final do processo escolar, mas sim, uma importante conquista para o desenvolvimento de uma sociedade. O aluno ao aprender a ler e escrever começa a desenvolver melhor a linguagem tornando-se mais comunicativo, fazendo parte de um grupo social com vida e histórias individuais. Todo esse processo facilita na construção da aprendizagem do aluno.

Segundo Alves (2007), a aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo em função da experiência. E pode ser caracterizada pelo estilo sistemático e intencional e pela organização das atividades que a desencadeiam, atividades que se implantam em um quadro de finalidades e exigências determinadas pela instituição escolar. Todo o processo de aprendizagem manifesta-se como uma maneira como os indivíduos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e muda o comportamento, isto se trata de um processo bastante complexo que, dificilmente, se pode ser explicado apenas através de recortes do todo.

Em relação a leitura e escrita especificamente, é importante ressaltar que ao longo da história, os professores vêm compreendendo a importância da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar aos outros. A leitura feita pelo professor alcançou o que se pode denominar de "horário nobre" em muitas salas de aula e assim não é mais vista como uma atividade sem grande importância, que é

realizada se sobrar um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela.

A leitura refere-se ao processo de apreensão de certos tipos de informações contidas num suporte especial, que são transmitidos por certos códigos, que pode ser caracterizado como idioma. Por outro lado, a escrita representa um sistema de sinais convencionais utilizados para escrever que posteriormente será lido e interpretado e cuja interpretação pode favorecer a produção de outros textos.

Diante do que foi exposto, pode-se dizer que a leitura esta estritamente relacionada à escrita, mas sua aprendizagem é tradicionalmente ligada aos atributos linguísticos, culturais, sociais e a formação do sujeito seja como meio de permitir ao individuo a aquisição do conhecimento, seja como meio de viabilizar sua atuação social. Em face disso surge a discussão sobre o processo de leitura e escrita nas séries do Ensino Fundamental II, dada a sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem, posto isto a problemática central que norteia essa pesquisa é: Quais as dificuldades da leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental II na escola do município de Juazeiro do Norte, Antônio Bezerra Monteiro?

O aprendizado da leitura é essencial para o desenvolvimento da escrita, uma vez que é por meio dela que a aluno aprende e conhece o que foi produzido historicamente, e desta forma o indivíduo insere-se na sociedade letrada e adquire mais instrumentos para expressar seus sentimentos, ideias e emoções, revelando seu universo psíquico. Dessa forma, por ser inegável a relevância do aprendizado da leitura e escrita na vida do ser humano, é que a escola o coloca como um dos principais objetivos de sua ação educacional, porém as

dificuldades nessas habilidades caracterizam-se como um dos principais obstáculos para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem; obstáculos esses que se não forem superadas no ensino básico se postergam até quando o indivíduo venha a ingressar no Ensino Superior.

Muitas vezes as dificuldades de ler e compreender o que leu e até mesmo a dificuldade do aluno em escrever, acarreta de situações externas a escola, e cabe ao educador diagnosticar o tipo de problema que o aluno está enfrentando, o que muitas vezes não é tarefa simples, portanto quando um professor perceber que alguma coisa não está dentro da normalidade com um aluno, ou seja, que o aluno não está tendo um bom rendimento, ao invés de achar que o aluno é incapaz de aprender, é preciso procurar conhecer as causas dessa dificuldade. O número de alunos que sentem dificuldades em aprender tem aumentado consideravelmente. O que leva muitos deles a perderem o interesse pela escola, criando um clima de insegurança e a perda da autoestima. Diante do que foi apresentado é que se verifica a fundamental importância de se desenvolver a pesquisa.

CAPÍTULO 1

LEITURA E ESCRITA: DEFININDO CONCEITOS

1.1 O QUE É LEITURA

A leitura é uma atividade absolutamente humana, que permite, graças a sua realização e posta em prática, por exemplo, e entre outras coisas, interpretar um texto, uma poesia, um conto, uma novela, isso quanto ao estritamente literário, mas também à leitura deve-se a possibilidade de interpretar sinais movimentos do corpo, dar ou receber educação. Na verdade, a leitura pode estar relacionada a todas estas questões, como tudo o que não se pode de imediato imaginar. A leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. A leitura é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa. Minha leitura é só minha incapaz de ser a do outro... A convergência total neste ponto inexistente, e é aí que se encontra o grande encanto da leitura, recheada de tantos outros, mas tão única para um só.

A leitura é uma fonte de conhecimentos que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. Além da satisfação pessoal, contribui para a construção de modelos relacionados às formas de escrita, tendo como finalidade a formação de leitores competentes, com função de escritores. O espaço de construção da leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo a partir dos seus conhecimentos. A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem dar significados ao mundo e

à realidade. Não é aprender apenas as palavras, mas também os seus significados culturais para que, com eles, as pessoas entendam e interpretem a realidade. A leitura fluente envolve uma série de estratégias como seleção, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e competência.

Segundo Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem e etc. não trata de extrair informações decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégia, de seleção, antecipação, inferência e verificação sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai ser lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL1998, p. 69).

Segundo Fonseca, (1984), a linguagem conta com uma estrutura que abrange: fonologia, léxico, morfologia, semântica e sintaxe. No entanto Cruz (2009) a leitura é composta por dois elementos: a decodificação e a compreensão. A decodificação acontece através do reconhecimento e identificação das palavras, e a compreensão é um processo voltado para assimilação da informação escrita.

Citoler (1996) menciona que as dificuldades de aprendizagem na leitura podem ser resultantes de: problemas

na descodificação; pobreza de vocabulário; falta de conhecimentos anteriores; problemas na memória; falta de táticas de captação; e confusão nas exigências da tarefa ou desinteresse. Na descodificação destacam-se não só as formas de diferenciação e identificação das letras e palavras, como também a junção dos símbolos gráficos com os sons. As dificuldades que podem surgir neste processo são: os erros na leitura de letras, erros na leitura de sílabas e palavras, leitura lenta e vacilações e repetições. Na compreensão da leitura, o que interessa é assimilar a mensagem grafada em um texto, a compreensão ocorre por meio dos processos de extração e organização da linguagem escrita (CRUZ, 2009).

O bom leitor só se forma por meio de uma prática constante de leitura organizada em torno da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente. A partir da ideia de que a leitura é uma prática social, concebe-se o leitor não como um mero decodificador, mas como alguém que assume um papel atuante na busca de significações.

Segundo Vygotsky *apud* Souza e Silva (1994, p. 44):

O desenvolvimento não precede o ensino, mas desabrocha numa contínua interação contribuindo ao ensino, visto que as funções psicológicas nas quais se baseia a língua escrita ainda estão começando a surgir no momento da escolarização. As crianças já têm conhecimento dos fatos, o ensino vai norteá-los levando-as a desenvolver as capacidades a partir do momento que se inicia a vida escolar. O processo de construção da escrita exige que a criança possua um espaço que favoreça um ambiente alfabetizador, onde ela possa manipular verificar e construir a sua escrita.

Compreende-se assim, que a capacidade do leitor não está vinculada apenas à decifração de sinais, mas, sobretudo à capacidade de dar sentido a esses sinais e compreendê-los. Esse diálogo com o leitor e com o objeto lido é determinado por situações concretas e desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto lido apresenta.

Um ponto importante a se destacar é o que reúne grande convergência, por parte dos investigadores, que consiste na rejeição das concepções tradicionais que identificavam leitura com decifração. A leitura normal não é redutível à conversão sequencial de grafemas nos fonemas correspondentes, como comprovam as numerosas pesquisas realizadas neste domínio. A leitura pode ser também individual e 'silenciosa'.

Existem várias técnicas quando o indivíduo começa a praticar a leitura, que permitem adaptar a maneira de ler segundo o objetivo que o leitor deseja alcançar. Geralmente, se procura maximizar a velocidade de leitura ou a compreensão do texto. Como estes objetivos são contrários entre si, à leitura ideal tem de ser um equilíbrio entre os dois.

A leitura oferece muitas vantagens para aqueles que a tomam como um hábito necessário em suas vidas. Parte da riqueza que produz é um enriquecimento do universo interior e compreensão de outras realidades do leitor, a aquisição de conhecimentos que poderiam nos servir, melhorar nossas habilidades de comunicação (especialmente se a leitura é tomado por via oral) e colaborar com desenvolvimento da capacidade de análise, resolução de problemas e associações. E não devemos esquecer que é uma fonte de entretenimento apta para todas as idades, sexos e status social. O segredo

para se tornar apaixonado por leitura é a de saber encontrar o que atende às nossas vontades, interesses e necessidades.

Por meio da leitura e da visão de mundo, se consegue o domínio da palavra. Por meio da palavra, se troca ideias e conhecimentos, e desta forma é possível entender o mundo que nos cerca. Com o domínio da palavra o indivíduo se transforma e, ao se transformar, lhes é permitido construir um mundo melhor. Através das histórias, é possível resgatar lembranças e resgatando lembranças, é possível voltar no tempo. Ao voltar no tempo, surge a possibilidade de entender as raízes que fazem parte da cultura, essa cultura que foi dada como base para a formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus atos.

As leituras fazem o aluno a pensar sobre as verdades pessoais, a partir de questionamentos do tipo: Como se constroem? De que maneira sobrevivem? E até mesmo podem pensar se existe a possibilidade de transformá-las. Percebe-se a fragmentação como obstáculo considerável no processo de leitura. O ser humano é integrado, capaz de relacionar ideias e isso os torna capazes de operar transformações.

Assim como é impossível separar corpo e mente, torna-se evidente a incoerência na segmentação do conhecimento. Essa experiência permite avançar no conhecimento e, assim, amplia a visão de mundo. Nada está estático, nada é absoluto: as verdades se constroem e se reconstroem ao longo da vida. A verdade está dentro dos olhos de quem a vê, no coração de quem a sente e na mente que reflete sobre ela. Assim, tudo é uma coisa só. Por tudo isso, é fundamental que o educador tenha sensibilidade para perceber as dificuldades dos educandos, e feito isto, este possa e venha a intervir de maneira satisfatória, levando-os à construção da leitura.

É importante destacar alguns pontos positivos que o exercício da leitura pode trazer para os estudantes de modo geral:

- Habilidades de interpretação de texto;
- Ampliação das capacidades cognitivas para compreensão de ideias e organização de linhas coerentes de pensamento;
- Enriquecimento do vocabulário;
- Desenvolvimento de uma visão crítica e capacidade de argumentação;
- Aquisição de novos conhecimentos e visões de mundo diferenciadas;
- Memorização de histórias, incluindo lugares descritos, personagens e situações.

Quando os professores propõem atividades que promovem também a leitura em voz alta, os benefícios vão ainda além, já que os alunos têm mais uma oportunidade de absorver melhor os novos vocabulários adquiridos, aprender a pronúncia correta das palavras e adquirir noções de ritmo e pontuação na fala.

Muitas vezes o educador/professor se depara com situações onde o aluno não tem muito interesse pela leitura, e diante dessa situação se fazem o seguinte questionamento: Como incentivar os alunos a ler mais? E para resolver esse questionamento são apresentadas duas dicas práticas que podem ser aplicadas em sala de aula para promoção do incentivo aos estudantes a desenvolver o hábito da leitura em seu dia a dia.

1.2. O professor de escolher livros com temas variados:

Apresentar aos alunos livros de diferentes gêneros literários, relacionados ou não relacionados aos conteúdos aprendidos em sala de aula, é uma excelente forma de estimular a leitura. Os professores podem indicar histórias clássicas, fábulas, contos, histórias interativas ou mesmo em quadrinhos, de acordo com as capacidades e faixas etárias de cada grupo de alunos. Dessa forma, eles poderão ter acesso a diferentes estilos de escrita, além de ampliarem seu leque de conhecimentos e descobrir com quais estilos de leitura mais se identificam.

1.2.1 O professor também pode promover atividades de leitura em sala:

Nessas atividades de leituras pode-se inserir a prática das Rodas de leitura, debates e outras iniciativas que estimulam a reflexão e a discussão de temas diferenciados são ótimas formas de fazer os alunos irem além da leitura dos textos recomendados pelos professores. É interessante que os professores consigam realizar leituras coletivas e mediar às discussões de forma dinâmica, fazendo perguntas aos estudantes sobre o que compreenderam da história e enriquecendo a atividade ao trazer temas da realidade que estejam relacionados ao livro escolhido.

Outro ponto importante é a ação conjunta com os pais que de uma forma geral, é possível perceber que o hábito de ler contribui de uma maneira direta para o crescimento dos estudantes e pode ser um grande aliado do processo de aprendizagem. A escola, junto com os pais, devem estimular o gosto pelos livros e mostrar as infinitas possibilidades de conhecimento que eles podem trazer. Para isso, é fundamental manter um relacionamento próximo e aberto com os familiares dos alunos.

1.2.2. O que é escrita

A escrita surgiu na vida do homem a partir da necessidade social de se comunicar em um sistema pictográfico e inicialmente não apresentava uma relação com a fala. Ela tem origem no momento em que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Pode-se dizer que a pintura foi um antecedente da escrita. Esse sistema de comunicação expressava apenas as ideias visuais.

De acordo com Santana (2007), a escrita é um elemento de comunicação muito importante para o processo de aprendizagem, ela exerce um papel eficaz na vida em sociedade, representando assim um elemento de fundamental relevância para a cidadania. Para Ajuriaguerra e Grajan (1995), a escrita é resultante de uma aprendizagem que está ligada a diversos fatores e especialmente a adaptação afetiva na escola e da individualidade das crianças, entre os quais se podem mencionar o gosto pela escola, às relações entre a família e a escola.

Segundo Cruz (2009), a escrita é determinada por quatro aspectos fundamentais: O primeiro aborda o processo construtivo, que consiste na elaboração, interpretação e construção do significado. O segundo processo enfatiza a necessidade do sujeito em agir de maneira ativa para aprender o conteúdo, desenvolvendo estratégias cognitivas e metacognitivas que podem ser utilizadas para resolver de problemas. O terceiro trata-se do processo afetivo que engloba o desejo de escrever, a estabilidade emocional e o interesse pela aprendizagem; e o quarto aspecto são os fatores afetivo-motivacionais que estão relacionados ao rendimento do aluno.

Com relação às dificuldades na aprendizagem da escrita para Escoriza Nieto (1998) é uma realidade que precisa ser analisada e transformada, enfocando a interação ativa e simultânea das características e a natureza dos três elementos básicos dos processos de ensino-aprendizagem: o sujeito que aprende o professor que intermedia o processo de aprendizagem do aluno e os conteúdos que compõem o objeto de ensino aprendizagem, ou analisar os processos de interação aluno-professor-conteúdo como a unidade de análise mais conexa e relevante, referindo-se à explicação, diagnóstico e interferência nas dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Escoriza Nieto (1998), para que as dificuldades de aprendizagem possam ser avaliadas, precisam ser entendidos, não como atribuíveis às propriedades específicas (biológicas e cognitivas), e sim como conhecimentos cuja internalização pode exigir, em determinadas crianças, ajudas educativas individualizadas, diversificadas e diagnosticadas nos processos de influência educativa.

A escrita na verdade, é uma substância da humanidade, esta por sua vez, consiste na organização da cultura de um povo, e contribui para aperfeiçoar os códigos escritos, sendo necessário que cada indivíduo estabeleça uma relação entre a escrita e a cultura a qual está inserida. Esse sistema de comunicação expressava apenas as ideias visuais, inicialmente não apresentava uma relação com a fala. Esta surgiu acompanhada de um notável desenvolvimento das artes.

Na visão de Cócoco e Hailler (1995, p. 45):

Na pré-história houve, então, a representação das palavras por meio de desenhos, numa determinada ordem, isto é, havia um significado para cada desenho. Essa tentativa de representar o mundo foi utilizada por diferentes povos, em diferentes épocas. Ocorreu com os sumérios, com os chineses e com os egípcios, que chegaram a construir uma escrita com seiscentos pictogramas.

A história da escrita vista no seu conjunto, pode ser caracterizada em três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética (CAGLIARI, 1993, p. 106). A fase pictórica se distingue pela escrita por meio de desenhos ou pictogramas, os quais aparecem em inscrições antigas, mas que podem ser vista de maneira mais elaborada nos contos Ojibwa da América do Norte, na escrita asteca, nas histórias em quadrinho, entre outros. Os pictogramas não estão associados a um som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade e um exemplo mais recente dessa fase são as historinhas em quadrinhos.

A fase ideográfica caracteriza-se pela escrita, a partir de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram, ao longo do tempo, perdendo alguns traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se umas simples convenções da escrita. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução, sendo que as escritas ideográficas mais importantes são a egípcia, a mesopotâmia, os escritos da região do mar Egeu e a chinesa.

E por fim a fase alfabética caracteriza-se pelo uso de letras, que tiveram origem nos ideogramas, mas que perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função da escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética. As ideias são representadas graficamente por sinais convencionais (letras) que reproduzem os sons dos vocábulos correspondentes na língua falada.

A escrita que se fala deriva do ramo da escrita grega e, embora a escrita alfabética tenha sido concebida para representar a fala, ela não chega a ser fonética. Cagliari (1993 p. 109) afirma que: Os sistemas mais importantes são o semítico, o indiano e o greco-latino. Desse último, provém o nosso alfabeto (latino) e o cirílico (grego), que originou o atual alfabeto russo.

Barbosa (1997 p. 37) assinala três grandes avanços na construção histórica da escrita: “O princípio Sumério da fonetização; a escrita silábica semítica ocidental; o alfabeto grego”. E ainda afirma que a escrita seja qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão

oral e outros apenas com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado.

Observa-se na fala do autor, que a escrita é uma ferramenta provida da leitura, já que esta é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo a partir do significado do texto. O ensino da Língua Portuguesa, por sua vez, tem se preocupado somente com a escrita, chegando mesmo a se preocupar mais com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa, tornando-se, portanto, indesejada por quem não a domina.

Com relação à história da escrita, Moll (1996, p. 63) expressa que:

A escrita origina-se quando o homem, pelas necessidades sócio-econômicas do contexto, aprende a comunicar seus pensamentos, atos e sentimentos, por meio de signos que, superando o caráter arbitrário inicial vão se tornando inteligíveis para outros homens, que compreendem seus significados.

A necessidade de sobrevivência do indivíduo foi responsável pelas primeiras formas de comunicação escrita. Esta, por sua vez, não surgiu de repente, sua construção aconteceu pouco a pouco de acordo com os interesses do homem e das condições existentes no meio, pois desde os tempos pré-históricos, já se usava a escrita em forma de desenho para contar fatos e acontecimentos. E, de acordo com a necessidade humana, o homem foi aperfeiçoando a escrita como meio para a sua própria sobrevivência.

Portanto, a escrita é uma ferramenta necessária e imprescindível para a evolução de conhecimento e

comunicação com o mundo. Ainda é considerada como um código que representa o que se pensa ou se fala. Ela foi evoluindo paulatinamente a partir da necessidade de cada povo em querer desvendar e interpretar sua forma de comunicação, sendo esta necessária para o conhecimento humano, passando a ser um marco histórico da passagem entre a Pré-História e a História.

Quando se fala em leitura e escrita, se está referindo-se ao processo de letramento do aluno que segundo Almeida & Farago (2014) este, designa a ação educativa que desenvolve o uso de práticas sociais de leitura e escrita que estão inseridos em contextos reais de uso, como consequência inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais.

A construção da linguagem escrita nos alunos faz parte de seu processo geral dentro do processo de letramento do educando, e isto se dá como um trabalho o qual se caracteriza como ação contínua de elaboração cognitiva por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação que a escrita tem na sociedade. Goulart, (2002, p. 52) afirma que:

Podemos entender tal relevância no sentido da participação crítica nas práticas sociais que envolvem a escrita, mas também no sentido de considerar o diálogo entre os conhecimentos da vida cotidiana, constitutivos de nossa identidade cultural primeira, com os conhecimentos de formas mais elaboradas de explicar aspectos da realidade.

Na sociedade contemporânea, está inserida os diversos tipos de tipos de leitura e dialetos que facilitam o entendimento dos textos que são apresentados e trabalhados dentro da sala de aula, e em uma sociedade moderna na qual estamos inseridos as unidades escolares recebem um grande número de alunos com diversos tipos de conhecimentos em relação a cultura letrada, e dentro desse quantitativo ainda se percebe a presença de alunos que ainda tem uma certa dificuldade em ler, entender e escrever sobre aquilo que leu. Assim é importante que o educador faça o uso da leitura e da escrita utilizando os diversos tipos de textos que contemplem os diferentes gêneros textuais, como leitura de bilhetes, propagandas de cartaz, anúncios, revistas, jornais impresso e digital, cartas, etc. dessa forma esse aluno com déficit na leitura e escrita seja inserido ao mundo letrado. Em Brasil (1998, pg.151-152) *apud* Almeida & Farago (2014, pg. 205) enfatiza que:

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento, a seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever.

É cabido salientar que não é somente a Unidade Escolar e os Educadores que devem se preocupar e contribuir nas práticas da leitura e da escrita, a família também deve participar desse processo incentivando e praticando a ação de ler e escrever do educando, isto com o propósito de que, quando o aluno chegue à escola, possa desenvolver com mais facilidade os trabalhos propostos, e assim vão desenvolvendo o gosto pela leitura o que por consequência irão progredir também na prática da escrita.

A leitura e a escrita são essenciais a todas as matérias escolares. Dessa forma a cada ano/serie, o aluno precisa desenvolver cada vez mais sua capacidade de ler e de escrever. Sendo assim é um trabalho que se faz em parceria (aluno e professor) para que o resultado do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula sejam os melhores possíveis. Nessa parceria foi incluído o terceiro agente que é a família, esse trabalho em equipe fortalece a premissa de que a leitura e a escrita são pilares que sustentam o alunado em toda a sua caminhada estudantil e que o levará possivelmente a exercer seus direitos de cidadão, é a partir da aprendizagem em sala de aula que são formados crianças capazes de interpretar um texto, elaborar uma redação ou mesmo fazer uma simples leitura, isso enaltece a importância do professor e da escola no papel de ensinar, e com a participação do terceiro agente nesse processo – a família, o aluno terá um aprimoramento e se tornará um leitor fluente e um bom produtor de texto.

Quando se fala somente na prática da escrita e também da leitura no ambiente escolar os teóricos Rangel & Machado (2012, pg. 02) destacam que a escrita e a leitura são conquistas obtidas no espaço escolar:

A escrita e a leitura bem feitas no sentido de levar à compreensão do escritor e do leitor configuram-se como grandes conquistas a serem realizadas também no espaço escolar, visto que esse é um espaço de conhecimento formal e sistematizado. De certo modo, essa sistematização deveria contribuir para que os alunos e os professores, eles mesmos, pudessem se apropriar do código linguístico escrito e oral com excelência. Entretanto, isso nem sempre acontece, pois há vários índices de pesquisas implementadas pelos governos federal, estadual e municipal que constataam as dificuldades dos alunos quando inquiridos de forma oral e de forma escrita: - há dificuldades não só no que se refere à compreensão e interpretação de textos, como também na comunicação de seus pensamentos, posições, saberes e desejos.

O processo de ler e escrever é decorrente da prática do letramento, e as abordagens sobre tema faz lembrar que Segundo Kleiman (1995), pode-se dizer que o letramento é tido como um conjunto de práticas sociais que se usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Ainda pode-se definir letramento como o resultado, o aprendizado da leitura e da escrita, assim, é quando o indivíduo apropriar-se de ambas e consegue ler e escrever. Pereira (2011, p. 19) coloca:

O Letramento apresenta-se como um exercício efetivo da escrita e implica habilidades, como a de ler e escrever para obter informação, para interagir, ampliar conhecimento, interpretar e produzir diferentes tipos de texto, de inserir-se completamente.

CAPÍTULO 2

OS DESAFIOS DA LEITURA E DA ESCRITA NA ATUALIDADE

Os alunos tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio têm apresentado cada vez mais dificuldades nos processos de leitura e escrita, isso se deve ao fato de que eles apresentam um alto grau de desmotivação, e também devido estarem inseridos em uma sociedade em que predomina a tecnologia. Paralelo a este fator, o professor trabalha a leitura de modo a reproduzir decodificar e avaliar os conhecimentos dos alunos conforme lhe fora transmitido, desconsiderando a atividade crítica, cognitiva e interacional.

Lima & Ferreira, (P. 02, 2010) afirmam que:

As atuais práticas de leitura e escrita realizadas pelos docentes em sala de aula não atendem ao propósito básico a que se destinam: formar bons leitores e bons escritores no âmago do ambiente escolar. Contudo, reconhece-se o esforço dos profissionais de educação, especialmente os de língua portuguesa, em articular um plano de (re) valorização da linguagem que busque salientar a importância da leitura e da escrita na vida dos discentes. Mas o problema e as dificuldades são maiores que imaginamos e vão mais além do que o imaginável. Eles transcendem às melhores intenções dos educadores.

Neste sentido Kleiman (2000) & Matêncio (1994), apresenta um objetivo de conscientizar os educadores sobre

sua prática de ensino e incentivar a adotarem uma metodologia centrada em uma abordagem que leve em consideração não só o seu conhecimento, mas o conhecimento de mundo do próprio aluno. Leitura é um fator importante na educação escolar, porque constitui um instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens, no entanto, seu conceito tem sido compreendido tradicionalmente como um ato mecânico de decodificação de palavras. Sendo assim, a leitura deveria ser vista como um processo de ensino aprendizagem que vai além de um simples ato de decodificar, pois envolve uma complexidade e exige a necessidade descobrir e descobrir-se.

Lerner (p. 27-29, 2002), informa que:

O desafio é (...) formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. (...) O desafio é conseguir que os alunos cheguem a ser produtores de língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente como copistas que reproduzem – sem um propósito próprio – o escrito por outros, ou como receptores de ditados cuja finalidade – também estranha – se reduz à avaliação por parte do professor. (...) O desafio é conseguir que a escrita deixe de ser na escola somente um objeto de avaliação, para se constituir realmente num objeto de ensino (...) chegar a leitores e produtores de textos competentes e autônomos.

Conhecer as suas concepções é fundamental para que o educador possa refletir seriamente sobre a importância que ela tem para o educando como processo de ensino-aprendizagem. É necessário ressaltar que se deve considerar a leitura como um respeitável processo pelo qual se compreende a linguagem escrita. Quando o indivíduo ler desenvolve sua capacidade de decodificar, interpretar e refletir sobre o que está lendo, tirando dúvidas e elaborando conclusões.

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. Com relação à escrita, esta exige o desenvolvimento de habilidades específicas e um esforço intelectual, pois ocorre à comunicação por meio de códigos que variam de acordo com a cultura, e sua aprendizagem se dá pela realização da cópia, do ditado e na escrita espontânea. Na sociedade contemporânea, essa prática vem sendo substituídas por outras que normalmente não atingem as expectativas esperadas, uma vez que cada vez mais a tecnologia se faz presente de forma tão intensa.

Assim, em uma sociedade em que prevalece a tecnologia e a transmissão de cultura, o educador precisa traçar novas estratégias de leitura e procurar desenvolver no educando o domínio dessas, possibilitando, desta forma, uma leitura profunda e significativa, bem como um aspecto principal da função que ela exerce tanto dentro como fora do ambiente escolar. Por isso, deve-se levar em conta que escola e sociedade estejam comprometidas com a leitura e com a formação de leitores fluentes para toda a vida.

No intuito de trabalhar a leitura e a escrita durante todo o período de alfabetização até a formação do cidadão que o professor deve utilizar todos os gêneros literários e estratégias como: varais de leitura; mutirões de leitura, baú de leitura, dramatizações de histórias, filmes, competições e premiações. Com isso o professor proporciona ofertas diversificadas para oportunizar ao aluno a ler e ler com objetivo de formação e prazer.

Quando se fala no processo de formação estudantil e de um leitor fluente deve-se estimular também a imaginação do leitor, essa prática é bem mais fácil com a leitura infantil. A Literatura Infantil permite o entrosamento entre a teoria e a prática, o universo estético e o universo real. Com o auxílio do livro infantil, é que se pode influir na vida afetiva e estética da criança, a literatura infantil ocupa um lugar privilegiado, pois é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração. O texto revela a imagem e a imagem revela o texto, e por causa disso a compreensão e eficácia na aprendizagem pelo livro é ampliada (BETTELHEIM, 2004).

O mesmo autor enfatiza que:

Para que a estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; esta harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2004, p 13).

A prática da leitura ou da escrita não acontece por acaso, sem motivo, sem o incentivo. Todos os alunos sejam eles da rede pública ou privada quando falam da prática da leitura e da produção textual, sempre assegura que iniciaram tal prática em virtude do incentivo dos seus professores, ninguém mais consegue ler ou escrever sem que haja uma motivação um incentivo para isso.

Ninguém escreve ou lê sem motivo, sem motivação uma das mais eficientes medidas que pode o professor adotar na tentativa de superar as dificuldades de leitura dos seus alunos é incentivar firmemente práticas que levem a um convívio natural e até mesmo prazeroso com os livros, não apenas os didáticos, mas também os de literatura, de informação geral e os periódicos, como jornais e revistas (CAGLIARI, 2001, p.102).

É importante ressaltar que a leitura segundo Oliveira (2017) é uma conquista social, a qual está presente no nosso universo todos os dias e todas as horas, desde o momento em que começamos a compreender as primeiras letras e a conhecer o mundo que nos rodeia por meio da leitura. Analise-se, que a realização de leitura de textos literários para as crianças, desperta nas mesmas os sentimentos mais profundos, singelos e sinceros, como também, o interesse pelo aprendizado, pelo enredo, pela fantasia, pelo desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da criatividade, da expressão de ideias, do prazer pela leitura e pela escrita de forma concreta, oportunizando situações significativas, nas quais as crianças passam a interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento de

forma gradativa e qualitativa nos diversos contextos sociais. Em relação à importância do trabalho com a leitura, Aliende (2005, p. 13), acrescenta:

A leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para manejo das outras fases do currículo (...) a ênfase está em aprender a ler para aprender. Nas séries fundamentais, a aprendizagem do código dentro de contextos significativos para a criança é de grande importância.

Percebe-se a influência que a leitura exerce na vida de um estudante no seu desenvolvimento emocional, social, intelectual, cognitivo, etc. Por este motivo, deve haver uma demanda comprometida e uma necessidade de desenvolver atividades diversificadas de leitura e escrita, as quais devem ser planejadas pelo professor/educador, e aplicadas de forma ética e divertida no ensino-aprendizagem dos discentes, na busca de despertar o prazer dos educandos em ler e escrever, e estas atividades, devem estar presentes diariamente na vida de tais alunos, tanto no contexto formal, quanto no contexto não formal. Pois, analisa-se, o quanto a leitura é necessária no dia a dia, sendo que o Brasil é um país de poucos leitores (OLIVEIRA, 2017).

Professores/educadores, juntamente com a equipe escolar e a comunidade em geral, precisam refletir e reconhecer a importância da aquisição da leitura na vida de todos os alunos, e de fato, na vida de todas as pessoas de nossa sociedade. Oliveira (2017) diz que a leitura é benéfica e significativa em todos os contextos, e certamente, quem reconhece a

importância da leitura, sabe o poder que têm uma história bem contada, bem exemplificada e refletida. Os benefícios que um simples livro, ou uma simples história pode proporcionar, não há no mudo uma tecnologia que possa substituir esse encanto, substituir esse prazer de mexer as folhas e virar página por página do livro, de sentir na pele o contato com o livro, como também, encontrar em cada página, um mundo repleto de significados, conhecimentos, encantos, diversão, reflexão, magia, cores e fantasias.

A Unidade Escolar é um lugar, onde o caminho para leitura deve ser facilitado, aberto, mediado e ético, desde então, a mesma tem a obrigação de desenvolver uma leitura qualitativa e jamais quantitativa, e essa prática deve ter continuidade no meio familiar, pois para formar bons leitores, é necessário que a escola e a família ofereça primeiramente materiais concretos, ricos em saberes e conhecimentos, certamente, materiais de excelente qualidade, e não quantidade, pois quantidade sem a devida qualidade, não faz diferença nenhuma no ensino dos educandos, o que poderá tornar o processo de ensino-aprendizagem fragmentado, empobrecido e um obstáculo a ser enfrentado no contexto escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 36) registram que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Oliveira (2017) afirma que as escolas, não devem limitar-se apenas há livros didáticos como se fosse o suficiente, mas devem selecionar e oferecer obras literárias aos seus alunos, pois o literário é a peça chave para começar á desenvolver um processo de leitura e escrita qualitativo, como também, a conquista para a formação de uma sociedade leitora, de escolas mais entrosadas com a leitura e de alunos que despertem o prazer e o gosto pelos livros.

É necessário que uma cultura literária seja enraizada nas escolas, nas casas das famílias, na sociedade em geral, através de um sistema educacional rico em cultura, saberes, e conhecimentos para todas as pessoas. Obviamente, a prática de ler e escrever, não se concentra apenas em utilizar-se de palavras e linguagens prontas e acabadas retiradas dos livros, mas sim de um sistema complexo (cultural e social).

Um exemplo para trabalhar a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental II é utilizar-se de parlendas em sala de aula, as quais facilita o processo de ensino- aprendizagem dos educandos, sendo as parlendas textos poéticos privilegiados, que podem ser escritos em cartazes afixados na classe ou colados no caderno, cada uma tem um gênero textual e rimas diversificadas que fazem toda a diferença na hora de ensinar a ler e escrever. A escola deve desenvolver práticas alternativas de leitura baseadas na realidade cultural, social e econômica de seus educandos, para então, incentivar ao máximo, o hábito saudável de ler e escrever (OLIVEIRA, 2017). Entretanto, essa leitura só terá êxito, na medida em que se voltar para realidade e as necessidades desses alunos.

CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DA HABILIDADE LEITORA NO DECORRER DA VIDA ESTUDANTIL

As primeiras letras na infância, a sua escrita inicial é a mais importante em todo o processo escolar, pois corresponde ao início da conquista das primeiras letras e palavras escritas, por essa razão a escrita deve ser desenvolvida de forma criativa e divertida pela criança para que interesse seja sempre estimulado. É importante para a criança esse contato de forma significativa desde a primeira infância na educação infantil, para que no decorrer do ensino fundamental, ela possa ser trabalhada de forma tranquila e com facilidade.

É comum no decorrer dos anos a criança e o adolescente apresentar algumas dificuldades no processo da escrita, desde que não seja algo que dificulte seu desenvolvimento cognitivo e de construção de aprendizagem.

Nos anos finais do ensino fundamental o adolescente precisa compreender os fatores que proporcionam habilidade de escrita através do desenvolvimento motor já bem elaborado e da ortografia que vem sendo compreendida com o passar dos anos. Assim, é possível através da escrita desenvolver boas produções textuais onde o pensamento elaborado produz a compreensão não só do que se escreve mas também da interpretação.

Ao passo que a escrita é desenvolvida, as habilidades e competências de leitura surgem para aprimorar o conhecimento das linguagens.

Para Mello e Miller (2008), os professores preocupados com a antecipação da escolarização submetem as crianças ao aprendizado da leitura pela via da escrita de letras, sílabas e palavras. Mas, o treino da escrita no momento que a criança ainda não está preparada para essa aprendizagem torna-se mais lento e demorado e muitas vezes uma experiência de fracasso para a criança. (OLIVEIRA, 2017)

É preciso salientar a importância do aprendizado da escrita nos primeiros anos, para que a continuidade dessa aprendizagem seja feita de forma segura e adequada. O que é necessário analisar os professores que estão envolvidos neste processo. Ou seja, a forma de trabalhar pedagogicamente com a escrita influenciará de forma positiva ou negativa no aprendizado do educando no decorrer dos anos.

Portanto, é muito comum ouvir na escola sobre as dificuldades de aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental, que o problema está na base, ou seja, o estudante traz consigo uma defasagem que está associado à sua infância no processo de letramento. Assim, vários fatores podem ser observados, desde as dificuldades inerentes ao processo de ensino e aprendizagem como também de fatores externos associados a desenvolvimento do estudante como: a família, a interação com a escola, as relações interpessoais entre outros.

Se o professor compreender que o aluno aprende melhor o que mais lhe interessa, perceberá que, num primeiro momento de aprendizagem da escrita, é mais importante que a criança se expresse do que escreva “certo”. Assim, pontuação e ortografia são trabalhadas gradativamente, visto que a introdução à norma culta ocorre paralelamente à capacidade de criação (FERREIRO 1993).

Ao escrever palavras os educandos vão percebendo a partir do erro que cada palavra escrita tem sua forma própria e com isso uma função específica na linguagem e conseqüentemente na comunicação. Portanto não há aprendizagem dissociada ao longo dos anos. Pelo contrário, a forma de aprender a escrita na infância implicará gradativamente ao longo da vida.

Para isso, segundo Nicolau (2003):

[...] a aprendizagem da leitura e da escrita deve se dar numa atmosfera de alegrias, autorrealizações, construções, descobertas, e trocas constantes de experiências. E o processo de conhecimento vai se socializando naturalmente entre a criança e entre elas e o professor.

Em todo o processo educacional, a mediação do professor é imprescindível para a aquisição da leitura e da escrita e para isso é preciso que o professor tenha consciência do seu papel e da forma como ele está ensinando, para que o mesmo conduza o aluno à reflexão do que aprende.

“A aquisição da linguagem escrita depende da mediação de quem já domina essa linguagem. Assim, só se compreende a aprendizagem na relação com o outro que já faz uso desse conhecimento. Nesse processo o papel do professor é de exercer uma ação intencional no sentido de levar o aluno a refletir sobre esse objeto do conhecimento através de ações de explicitar, discutir, traduzir, conceituar, mostrar, exemplificar o ato de ler e escrever”. (CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação, 1996, p. 33).

Observa-se que na docência é essencial que seja desenvolvido a abordagem qualitativa da aprendizagem através de uma postura ética que envolve teoria e prática. Através desta ação é possível acionar vários elementos que aperfeiçoam o processo de ensino e aprendizagem e garantem a efetividade das ações realizadas pelos estudantes que depois de aprimoradas pela teoria, são ressignificadas em sua prática.

É urgente desenvolver práticas educativas que se tornem sólidas e possam ser executadas demonstrando a responsabilidade pelos atos. Ao se tratar a educação apenas de forma teórica, corre-se o risco de não ter importância na prática, daí seu distanciamento da realidade do educando.

Essa condição é pressuposto indispensável pela vida em sociedade, pela participação coletiva das pessoas como construtoras de cidadania, uma vez que ser cidadão é exercício diário que envolve teoria e prática.

“[...]Atualmente há uma grande necessidade de se desenvolverem habilidades de leitura e de escrita para o melhor desempenho das práticas sociais existentes na sociedade sendo uma das tarefas da escola possibilitar o uso dessas competências de maneira que possam estabelecer condições para que o aluno se torne um leitor crítico e um produtor de textos competente e autônomo”. (LIMA, 2015)

De acordo com Soares (2012), a escola tem por obrigação favorecer os alunos amplamente com o acesso irrestrito à leitura e a escrita em todos os aspectos e fins. Desde o literário, passando pelo pragmático e de fruição.

Porém a escola ainda se depara com uma dificuldade que é o aprendizado eficiente no que diz respeito a ler e escrever. É possível observar nos anos finais do Ensino Fundamental, alunos com dificuldade de leitura e escrita, conseqüentemente com defasagem na produção e interpretação textuais.

Dessa forma nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, pág. 30), é ressaltado que é de responsabilidade da escola “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.”

“Existem aqueles que só escrevem e não leem o que produziram; há outros que podem ler, mas não conseguem escrever ou interpretar o que leem. Notadamente o ensino da língua portuguesa, ainda preso a propostas metodológicas curriculares tradicionais e ultrapassadas. Percebemos, desse modo, um abismo entre as práticas de leitura e de escrita trabalhadas na escola e seu efetivo uso na sociedade. O processo de ensino-aprendizagem é configurado como um mundo à parte da realidade e os alunos são impelidos à apropriação de atividades a que se atribuem pouco ou nenhum significado, não sendo preparados adequadamente para utilização de práticas condizentes aos contextos sociais nos quais estão ou podem ser inseridos”. (LIMA, 2012)

De acordo com Lerner (2002), é desafiador formar bons leitores e escritores, uma vez que são formados decifradores do sistema de escrita. Assim é pontuado a importância da formação

de leitores que consigam através da leitura a solução de problemas e não apenas saber oralizar um referido texto.

FREIRE (2004) a educação é um ato de intervir no mundo e deve estar firmada na concepção de transformação social, uma vez que, para o autor educar exigia transformar. Ele não era de acordo com a educação puramente técnica, mas aquela que humaniza e constrói condições favoráveis para a participação coletiva e emancipatória. O autor ainda afirma, que progresso científico e tecnológico devem responder às necessidades humanas e não somente ao desenvolvimento tecnológico das sociedades.

Para tanto a formação dos educadores é de fundamental importância na aquisição da leitura e da escrita dos estudantes, pois a partir daí, os mesmos poderão interagir nas dificuldades e na resolução dos problemas, enfocando a importância da comunicação e da linguagem.

Em suas obras, inclusive Educação como prática de liberdade, o autor reforça a leitura de mundo, a visão crítica a partir dessas leituras, onde o meio está intimamente ligado ao estudante, á sua forma de interagir e viver em sociedade. Portanto, o papel da ação-reflexão-ação, perpassa os muros da escola, acessando o centro das famílias que estão representadas em seus filhos.

Daí uma condição relevante que é formar seres humanos críticos, capazes de ler nas entrelinhas e de se colocar no mundo como partícipes de uma sociedade em construção.

Dessa forma a atuação do professor no mundo da leitura e da escrita é imprescindível em todo o processo de letramento que segue a vida estudantil. Portanto um trabalho conjunto, entre família e escola é capaz de melhorar

consideravelmente o interesse e o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos.

Dessa forma a atuação do professor no mundo da leitura e da escrita é imprescindível em todo o processo de letramento que segue a vida estudantil. Portanto um trabalho conjunto, entre família e escola é capaz de melhorar consideravelmente o interesse e o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos.

CAPÍTULO 4

AS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura é algo que deve ser bastante explorado pelo professor em sala de aula, das diversas formas que podem ser utilizadas, desde a leitura individual a coletiva, nos momentos em círculos de leituras e projetos de leituras. À todo momento, o enfoque na leitura possibilita outras manifestações cognitivas, pois traz as habilidades de compreensão e interpretação textual, que estimulam outros aprendizados.

Daí a importância das várias metodologias utilizadas que aguçam o prazer pela leitura. É possível afirmar que na família, o ato de ler, é o primeiro incentivo que um estudante pode receber. A leitura feita com prazer desde a tenra idade, nas contações de histórias para dormir, como na sala de estar mediante a leitura de textos, revistas, jornais, entre outros.

A primeira percepção da leitura é desenvolvida na família, quando esta tem um perfil leitor. Noutros casos, somente na escola, quando o indivíduo começa a frequentar e ter contato. Sabe-se que no Brasil, ainda há uma defasagem de leitura nas famílias gigantesco, principalmente nas classes mais pobres. Isto se dá também, como forma de desigualdade social.

Conforme proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

um: [...] leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que

deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Dessa forma, as instituições educativas devem proporcionar atividades que desenvolvam as habilidades leitoras, independente da disciplina que estudem. A leitura é transversal, ela perpassa todos os conteúdos e está contida nas mais diversas informações, desde um manual de eletrodoméstico às placas de sinalizações do trânsito. No entanto, reforçar as ações voltadas para o desenvolvimento de tais habilidades, consiste na visão estratégica da escola com seus educadores, traçando metas de superação para tais defasagens com o devido acompanhamento familiar.

De acordo com Bortoni (2012)

[...] é preciso que as escolas [...] considerem que um trabalho eficiente com leitura requer que sejam exploradas habilidades e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progrida na educação básica, essas habilidades e competências possam tornar-se mais complexas.

Neste contexto, as práticas docentes tem especial contribuição para o desenvolvimento das competências leitoras e de escrita dos alunos. É possível afirmar que a aprendizagem dos estudantes está intimamente relacionada às metodologias na sala de aula, ou seja, a forma como o conhecimento é abordado pelo professor.

“A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir-se uma ação ³⁴ intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo. A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. Para tanto ainda é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos”. (PCN, 1997)

Portanto é na prática da leitura e escrita que se aprende a ler e a escrever. São as experiências vivenciadas no mundo da leitura e da escrita que as tornam não somente acessíveis, mas compreensíveis em sua totalidade. Assim, o contato com as diversidades de gêneros textuais é a melhor forma que o professor poderá usar para aproximar o estudante do processo prático de aprender a ler e conseqüentemente, aprimorar a escrita.

Quanto à ação docente, os professores que saem das universidades e adentram a sala de aula, tomam um choque de

realidade, devido ao conhecimento teórico adquirido na faculdade em detrimento à realidade experimentada no universo escolar.

“Podemos nos referir ao fato de que os próprios cursos de formação, no caso, os da área de língua portuguesa, não têm atuado no sentido de que os avanços na pesquisa em língua materna sejam aplicados junto com as práticas de ensino e aprendizagem, pois não proporcionam situações concretas para que o docente consiga interagir aliando os conceitos teóricos estudados durante sua formação acadêmica com atividades práticas para a aplicação do conhecimento adquirido. Logo, muitos professores mantêm a crença que ensinar a língua portuguesa é essencialmente ensinar gramática e suas classificações e, nas escolas, o ensino segue totalmente desvinculado, descontextualizado, distante das verdadeiras necessidades dos alunos”. (LIMA, 2015)

Com isso, alguns profissionais caem na descredibilidade das práticas, uma vez que consideram alguns fatores como intransponíveis com relação às dificuldades e suas superações. Ressalta-se aqui, as metodologias, as salas superlotadas, a heterogeneidade da turma, entre eles.

No entanto, é possível afirmar que a sala de aula no Ensino Fundamental, nos anos finais, exige do professor um comprometimento com suas práticas para que as mesmas atenda ao projeto político da escola, alcançando a aprendizagem dos alunos. No que se refere ao processo de letramento, mais especificamente à leitura e produção escrita,

os estudantes precisam exercitar suas habilidades constantemente.

Dessa forma, o professor precisa trabalhar com foco em desenvolver as habilidades leitoras nos estudantes, tendo em vista, essa ser uma das principais habilidades a serem desenvolvidas no Ensino Fundamental.

“A criação de um clima favorável a esse aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições dos alunos (respeitando-as, mesmo quando apresentadas de forma confusa ou incorreta) e em favorecer o respeito, por parte do grupo, assegurando a participação de todos os alunos. Assim, a organização de atividades que favoreçam a fala e a escrita como meios de reorganização e reconstrução das experiências compartilhadas pelos alunos ocupa papel de destaque no trabalho em sala de aula. A comunicação propiciada nas atividades em grupo levará os alunos a perceberem a necessidade de dialogar, resolver mal-entendidos, ressaltar diferenças e semelhanças, explicar e exemplificar, apropriando-se de conhecimentos. O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho. A participação de um aluno muitas vezes varia em função do grupo em que está inserido”.(PCN, 1997)

A escola tem um papel fundamental para que a aprendizagem seja significativa e ocorra de forma que favoreça os estudantes em sua integralidade. O Projeto Político Pedagógico traz em sua íntegra a missão, os valores e a visão de futuro que se propõe a instituição escolar. Daí, observa-se os objetivos contemplados no próprio currículo escolar. É importante que os documentos que regem a escola, demonstrem as dificuldades que precisam ser superadas, dentre elas, a defasagem na leitura e na escrita. A partir daí, criam-se metas a serem cumpridas por todo os segmentos da escola e colegiados.

O trabalho participativo e coletivo cria um ambiente favorável a construção de aprendizagem das mais diversas e heterogêneas existentes no espaço escolar. Portanto, o planejamento das atividades de forma coletiva também auxilia na percepção e resolução de problemas.

CAPÍTULO 5

A FAMÍLIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os fatores sociais são decisivos para a aquisição de conhecimentos e aprendizagem escolar. Destaca-se a família e a sociedade atual como forte influência na condução das aprendizagens, devido aos acontecimentos e experiências vividas nestes meios.

Assim, quando a família é comprometida com a aprendizagem dos seus filhos a educação caminha mais próxima de alcançar seus propósitos. Na aquisição da leitura e escrita e seu aperfeiçoamento, não é diferente. Uma vez que o acompanhamento é realizado desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental, percebe-se a evolução do estudante. Isso porque a família é o espaço do primeiro contato com a leitura. É lá nos primeiros anos de vida que a criança entra no mundo da leitura e escrita.

“Todo incentivo começa quando a criança percebe que o aprendizado faz sentido para a vida dele, ou seja, que aprender a ler e escrever vai fazer com que ele se torne uma nova pessoa, seja ele de família melhor ou pior economicamente, confirmando que a aquisição de conhecimento tem um significado real. A criança reproduz o que vivencia; então, vendo no ambiente que ela está inserida, o incentivo a ler e escrever, ela o faz com carinho. E antes da escola, o grupo social na qual ela está mais ligada é sua família, seja ela qual classe social pertencer. Um exemplo

é uma criança que, mesmo sem saber ler ou escrever, tem prazer em manusear livros ou materiais como se o fizesse como seu pai lendo um jornal em casa ou sua mãe um livro de romance, uma revista de sua novela. Outro exemplo oposto é o professor perceber na criança a falta de interesse, por falta de estímulo vindo dos pais ou por nunca ter visto um bom exemplo de leitores em casa, ou, por muitas das vezes, inclusive, nem possuir em casa livros para ver ou brincar, jornais, revistas, gibis para manusear”. (BASÍLIO e NICOLAU, 2017)

Para tanto, percebe-se que a fluência na leitura se dá na interação das partes família e escola, caminhando juntas com o mesmo objetivo, olhando para o lado da criança ou adolescente que está no processo do letramento e que precisa de apoio, exemplo e interesse de todas as partes.

Ao criar-se um ambiente propício ao domínio da leitura, conseqüentemente incentiva-se aluno a querer aprender mais, a compreender a importância de aprender a ler com fluência. A família tem papel fundamental nos estímulos a aprender. Não é possível às famílias que sofrem com violência doméstica fazer um bom papel nesses estímulos, como também numa família que ostenta bens, mas delega o acompanhamento dos filhos a terceiros. Nos dois casos há dificuldade de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita.

A pesquisadora Maria Ester do Prado Souza (2009), em seu artigo “Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar” deixa clara tal afirmação ao tratar da participação dos pais na vida escolar do filho: “É importante que a família esteja engajada no

processo ensino-aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola” (SOUZA, 2009, p.8).(citado por Basílio e Nicolau, 2017)

O meio familiar ensina muito às crianças e adolescentes, assim como a escola que o recebe e é responsável pela mediação da aprendizagem de forma sistemática. Sendo assim, atribuir somente a escola a responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem é negar a importância da família e do meio social no avanço da aprendizagem dos indivíduos.

A família nunca foi tão importante na formação do caráter, tendo em vista a internet e as mídias sócias entrarem na vida das crianças e adolescentes com tanta força. Atualmente, a família precisa resgatar os valores que aperfeiçoam a personalidade dos filhos, para que possam trilhar caminhos que os fortaleçam como cidadãos responsáveis e autônomos, que saibam se relacionar em sociedade e que acima de tudo, estejam aptos a solucionar problemas que por ventura, venham vivenciar.

A escola tem função social de servir à sociedade, contribuindo para a construção cidadã dos indivíduos, como também dos aspectos emocionais. Muito embora, no seio da família os valores sejam construídos, muitas vezes as influências externas como a internet, desvirtuam as crianças e adolescentes que atualmente presenciam a exposição da aparência como troféu. Como já foi mencionado, a aparência está sendo apreciada muito mais que a essência, trazendo

expectativas múltiplas à vida dos jovens, que querem a aprovação de todos.

Portanto, educar nesta geração é desafiador dentro e fora da escola e traz uma reflexão pertinente ao que é prioridade, ao que é supérfluo e ao que ainda é essencial. Dessa forma, a educação familiar traz em si uma contribuição significativa também no processo de apropriação de leitura, uma vez que a mesma tem sua própria leitura de mundo, influenciando diariamente a vida, o modo de agir e de pensar de seus filhos.

Entre outras situações, é urgente que o estudante também queira aprender, queira fazer parte do processo e desenvolva a leitura de forma proficiente e segura.

“O aluno precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender. No entanto, essa disposição para a aprendizagem não depende dele, mas demanda que a prática didática garanta condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça. Primeiramente, a expectativa que o professor tem do tipo de aprendizagem de seus alunos fica definida no “contrato didático” estabelecido. O contrato didático é a determinação, explícita ou implícita, do que compete a cada um, professor e aluno, no processo de ensino e de aprendizagem, ou seja a responsabilidade de gerenciar como cada um age diante do outro e do saber”. (PCN, 1997)

CAPÍTULO 6

A RELAÇÃO DO PROFESSOR-E ALUNO COMO FACILITADOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

Todo o processo de ensino-aprendizagem que acontece no interior da escola, necessita da interação entre quem ensina e quem aprende. Longe disso aí tudo não passa de esforço jogado fora. Nenhuma metodologia é tão eficaz quanto a mediação feita pelo professor com relação ao conhecimento.

Portanto, para aprender em todas as ocasiões é necessário que ambas partes tenham um interesse genuíno pela aprendizagem. No processo de apropriação da leitura, desde a educação infantil ao ensino fundamental é possível haver a harmonia e o interesse de professor e alunos envolvidos no processo.

Para tanto, conhecer a realidade do aluno, n que diz respeito à família, os interesses, as qualidades e principalmente suas dificuldades na aprendizagem, geram a empatia necessária para que a produção do conhecimento flua e o estudante sinta-se pertencente ao processo de ler, escrever, decodificar e interpretar, além de produzir textos.

“Aprender é uma tarefa árdua, na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido. Para o sucesso da empreitada, é fundamental que exista uma relação de confiança e respeito mútuo entre professor e aluno, de maneira que a situação escolar possa dar conta de todas as questões de ordem afetiva. Isso não fica garantido

somente pelas ações do professor. O trabalho educacional inclui as intervenções para que os alunos aprendam a respeitar diferenças, a estabelecer vínculos de confiança e uma prática cooperativa e solidária”. (PCN, 1997)

Para tanto, as atividades desenvolvidas dentro de uma proposta pedagógica bem elaborada correspondem ao comprometimento da escola com a aprendizagem dos educandos. Para isso, ela elabora um plano de trabalho que contemple todos os seus alunos, reconhecendo em cada um, o nível de letramento na qual se encontram. É o chamado diagnóstico a cada ano, que consiste em trabalhar as dificuldades de leitura e escrita, com o objetivo de corrigir e e amenizar a defasagem leitora.

“A decodificação não se trata apenas de diferenciar ou identificar as letras, palavras e símbolos, mas trata também da união dos símbolos com os sons. As dificuldades de aprendizagem que podem aparecer durante esse processo são os erros na leitura das letras, sílabas e palavras inteiras, além de uma lentidão na leitura, ou mesmo repetições desnecessárias. Já no que diz respeito à compreensão do que se está lendo, o mais importante é compreender a mensagem que está presente no texto, e com isso, o processo de compreensão do mesmo acontece através da extração e organização da linguagem”. (COSTA)

É importante ressaltar que todos nascemos preparados para aprender, mas precisamos de incentivos internos e externos que melhorem nossas capacidades e nos auxiliem no processo da construção de aprendizagens. Portanto, quando o

professor faz sua parte preparando o aluno na sala de aula, demonstrando a importância de estudar, de aprender e se colocar no mundo como um ser atuante, no processo de reconhecimento da sua própria identidade, as possibilidades de conquistar esse aluno, aumentam.

Para isso, o comprometimento com a aprendizagem, não só da leitura e escrita, mas em todos os aspectos é valorizada e passa a representar uma valiosa contribuição para a vida pessoal e estudantil. Dessa forma, quando o professor estar pautado nas ferramentas de aprendizagem, ele cria o ambiente e a motivação correta para que isso aconteça em grande estilo. Não importa se o ambiente tem uma estrutura física danificada, ou coisa parecida. O diferencial será o comprometimento de ambas partes com a aprendizagem.

“No que diz respeito ao modelo de ensino direto, este é caracterizado pela necessidade de ser ensinado de maneira sistemática, oferecendo uma proposta bastante rígida para o ensino, mesmo que este deva ser adequado a cada caso ou contexto, através de flexibilizações. Ou seja, é preciso analisar o cenário da sala de aula, para garantir ao aluno um aprendizado de qualidade, efetivo, cooperando através do ensino e do aprendizado para a formação de uma visão geral acerca do que é o processo de leitura. Assim, o professor deve fazer uso de todos os recursos disponíveis para fazer de seus alunos leitores ativos e independentes que, de fato, conseguiram aprender estratégias e técnicas para realizarem uma leitura eficiente. Durante o processo de ensino da leitura e escrita, é necessário a utilização de uma grande variedade de textos com estruturas diferentes, para que o aluno possa utilizar-se

desses materiais para facilitar o processo de aprendizado”. (COSTA)

Assim, o professor é responsável pela aprendizagem de forma autônoma e não engessada. Fazendo com que a liberdade de pensamento flua com estratégias que impactem a leitura e a escrita, ensinando-o a pensar por si mesmo, contribuindo para a construção de significados na vida do aluno. Muitas vezes o desinteresse pela leitura parte de uma condição que o próprio aluno acredita que não aprende. Para isso, é essencial que o professor mostre entre outras ações a condição de acreditar em si próprio, de se permitir aprender, mesmo com as dificuldades e que ele sinta a confiança depositada nele, pelo professor.

“Outro aspecto importante é que o professor deve propor atividades ao longo do período letivo com diferentes níveis de dificuldade, para que os alunos desenvolvam a capacidade de resolver problemas cada vez mais complexos. Por exemplo, a leitura realizada pelo professor não exige nenhuma ação do aluno, devendo este apenas assimilar o texto lido, e por isso, o professor deve fazer a leitura de vários textos dos mais variados gêneros, para que o aluno se aproprie das características individuais de cada tipo textual. O professor pode oferecer esse tipo de leitura diariamente, ou em determinados dias da semana, mas o importante é que o aluno tenha contato contínuo com os textos, para se familiarizarem com os mesmos”.(COSTA)

O processo de aprender envolve várias nuances e por isso o professor traz consigo estratégias diferenciadas, de acordo com a necessidade de aprendizagem. É possível impactar a aprendizagem de leitura e escrita com demonstração

coletiva de outros alunos que vivenciaram dificuldades e conseguiram superá-las. O exemplo de superação também traz estímulo e até certo ponto convence o aluno que se encontra em dificuldade de aprendizagem que ele pode aprender também.

Neste caso, as metodologias utilizadas terão uma enorme responsabilidade também em resgatar a autoestima e a credibilidade do aluno em si próprio. Assim será possível desenvolver o potencial adormecido que estava esperando um momento para ser recuperado. Há vários casos de alunos que conseguem superar suas dificuldades de ler e escrever, nos anos finais do ensino fundamental, quando reconstruem a confiança e autoestima perdidas por si próprio.

Todavia os Parâmetros Curriculares enfatizam na criação do ambiente propício à aprendizagem e propõem várias situações de inserção dos estudantes no ato de ler e aprender com a diversidade. Dessa forma, toda ação desenvolvida pelos docentes que valorizem práticas inclusivas são necessárias na sala de aula.

“É importante salientar que a autonomia não é um estado psicológico geral que, uma vez atingido, esteja garantido para qualquer situação. Por um lado, por envolver a necessidade de conhecimentos e condições específicas, pois uma pessoa pode ter autonomia para atuar em determinados campos e não em outros; por outro, por implicar no estabelecimento de relações democráticas de poder e autoridade, pois é possível que alguém exerça a capacidade de agir com autonomia em algumas situações e não noutras, nas quais não pode interferir. É necessário, portanto, que a escola busque sua extensão aos diferentes campos de atuação. É necessário também que as decisões

assumidas pelo professor auxiliem os alunos a desenvolver essas atitudes e a aprender os procedimentos adequados a uma postura autônoma, que só será efetivamente alcançada por meio de investimentos sistemáticos ao longo de toda a escolaridade". (PCN, 1997)

A instituição escolar é em síntese o espaço adequado para que existam as mais diversas formas de aprender, desde que respeitados o tempo e a realidade de cada estudante. Para isso o comprometimento com a ação educativa deve ser rigoroso e contínuo, respeitando o universo real de cada indivíduo.

A ação docente envolve dedicação e tempo para elaborar estratégias e planejar metodologias de alcance para cada dificuldade dos alunos, desde a mais simples e complexa. A partir dessa elaboração, os estudantes devem entrar na sintonia do momento de aprender com o professor que o estimula, mas também corrige e direciona o caminho de aprender. Portanto, a interação entre os sujeitos e o ato de aprender se tornam inevitáveis quando todos envolvidos trazem a vontade de realizar.

Isso muda a percepção do ato de aprender para o aluno, que mesmo enfrentando todos os seus entraves, consegue perceber a importância da aprendizagem da leitura e da escrita independente do ano que cursa, mas porque compreende que essa aprendizagem é libertadora e lhe dará condições de se desenvolver posteriormente na fase adulta. Para tanto, envolve tanto a ação como a reflexão por ambas as partes.

“O sucesso de um projeto educativo depende do convívio em grupo produtivo e cooperativo. Dessa forma, são fundamentais as situações em que se possa aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta etc. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade. A criação de um clima favorável a tal aprendizado depende do compromisso do professor em aceitar contribuições dos alunos (respeitando-as, mesmo quando apresentadas de forma confusa ou incorreta) e em favorecer o respeito, por parte do grupo, assegurando a participação de todos os alunos”. (PCN, 1997).

CAPÍTULO 7

A APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ERA DIGITAL

Com o crescimento dos recursos tecnológicos, sobretudo, da internet e das mídias e redes sociais tem interferido diretamente na apropriação das informações, uma vez que os estudantes com acesso á internet podem acessá-las em tempo real. Isso requer dos professores jogo de cintura para alcançar e envolver em suas aulas o maior número de alunos. Para isso a aula precisa ser criativa, numa linguagem acessível e dinâmica para que os recursos utilizados tragam entusiasmo e participação por parte dos alunos.

Na pandemia, os professores se reinventaram e os alunos tiveram que aprender sobre ser autodidata por muitas vezes, com a distância física dos professores e a falta de aulas presenciais. Assim, a era digital trouxe consigo mudanças consideráveis para a sala de aula, convidando a escola a inovar.

Nestes aspectos, trabalhar a linguagem foi facilitada pelos variados instrumentos tecnológicos utilizados, porém o contato visível e presencial com o professor deixou a desejar para muitas famílias. Na sua maioria, aquelas que depositam no professor e na escola todas as possibilidades de crescimento do estudante. Daí, acompanhar de casa os estudos dos filhos, por vezes tornou o contexto cansativo e desestimulador.

Em todo o processo de estudos durante a pandemia foi desafiador criar critérios de rotinas para o estudo domiciliar, que por muitas vezes não tinha as condições necessárias à aprendizagem.

A Internet, tem sido visivelmente acompanhado com o passar dos anos. Este crescimento tem tido seu reflexo no contexto escolar, com a chegada de alunos com uma quantidade de informação maior do que em tempos passados, além de suas experiências tecnológicas movidas pelo interesse e curiosidade que estes recursos proporcionam. Diante desse contexto, nossos professores têm o desafio de ensinar alunos da Era Digital, despertando seus interesses para os conteúdos que, até pouco, eram (e ainda continuam sendo em grande parte) ensinados longe do apoio dos recursos tecnológicos. Percebemos, hoje, a necessidade de alternativas pedagógicas que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem de forma mais eficiente, e uma das saídas no mundo educacional contemporâneo pode ser a informática, pois se trata de uma linguagem bem navegável para nossos atuais alunos. (MARANHE, 2011)

Mesmo com essas inovações, a escola necessita das aulas bem planejadas e elaboradas para que as novas metodologias funcionem e cumpram os objetivos determinados.

Para a apropriação da leitura no ensino fundamental, existem plataformas que utilizam o letramento para realizar atividades que envolvem a leitura proficiente, qualificando a ação docente à distância, sem perder o exercício da leitura e da escrita.

Assim, os professores reaprenderam através da EAD investir em novas maneiras de trabalhar com os aspectos qualitativos e ao mesmo tempo entrando na era digital, como forma de aperfeiçoamento profissional.

É perceptível que os ciclos na educação encerram e iniciam outros sem perder de vista o principal, o aluno e sua aprendizagem. Há quem defenda puramente a educação tradicional, mas precisamos caminhar com a evolução tecnológica, uma vez que a sociedade já caminha a passos largos neste quesito. Ignorar tais possibilidades seria algo que fugiria a realidade atual. Portanto, a escola precisa cada vez mais se aproximar das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), para promover a melhor educação, aquela que se adeque aos tempos modernos.

“Acreditamos que a grande chave de interpretação do conhecimento aqui apresentado é a possibilidade de unir conteúdos teóricos relevantes à tecnologia. Embora, muitos professores ainda relutem em tomar partido dela, é uma realidade que tem ocupado um espaço significativo dentro do contexto educacional. Muitas escolas possuem tecnologias disponíveis, mas estas, ainda, não são utilizadas como deveriam, ficando, muitas vezes, trancadas em salas isoladas e longe do manuseio de alunos e professores. Não cabe a nós discutir, aqui, os vários motivos que levam professores e alunos a não terem contato com a tecnologia no mundo contemporâneo em que vivemos”.
(MARANHE, 2011)

As transformações no mundo atual passam pelas transformações tecnológicas que são necessárias ao desenvolvimento científico. Para tanto, a humanização é indispensável e um diferencial neste mundo digital, uma vez que a máquina não supera a inteligência humana, ela pode apenas realizar ações humanas, que são por sua vez limitadas.

Portanto, adequar as práticas educativas à era digital é uma das inúmeras possibilidades de apropriação de conhecimento, onde na leitura e produções textuais são importantíssimas.

Utilizar a leitura através dos inúmeros dispositivos tecnológicos coloca o estudante dentro da sua realidade atual. Enfrentar as dificuldades de leitura e escrita demonstrando a sua importância nessa era digital é uma questão de sobrevivência

É preciso afirmar que as novas gerações criaram novas formas de atuarem e se relacionarem com o mundo que as cerca. De acordo com Zarzalejos (2016, p. 11):

Os jovens não usam relógio nos pulsos porque consultam a hora em seus smartphones. [...] não compram jornal porque se informam por meio das redes sociais, as quais acessam, muito frequentemente, também via smartphone. [...] não pedem táxis para locomover-se porque utilizam APPs que lhes proporcionam transporte alternativo mais rápido e mais barato a partir de seus celulares. [...] não assistem à televisão porque preferem acompanhar programas por meio de um computador e distrair-se –e aprender–, conectando-se ao Youtube durante o horário nobre. Centenas de milhares de jovens não assistem às aulas porque estão online – a partir de suas casas, acessam as universidades digitais. Tampouco compram roupas em uma loja porque as selecionam a partir de um meio digital e as recebem onde desejarem. Do mesmo modo, não precisam dirigir-se a agências bancárias: todas as suas transações são digitais. E se informam sobre a previsão do tempo, sobre as cotações de ações na bolsa a partir de seu celular e

smartphone. Além disso, se relacionam com seus amigos, separadamente ou em grupos, usando a engenhoca digital. E se deslocam de uma cidade a outra de forma colaborativa ativando o aplicativo correspondente.

Com esta realidade não se pode pensar numa educação que desconsidere tais avanços. Cada vez mais, as metodologias utilizadas precisam ser renovadas e apropriadas a cada momento vivenciado. As metodologias ativas surgiram trazendo a ressignificação para a sala de aula, minimizando algumas dificuldades de aprendizagens.

Na leitura e escrita, não foi diferente. Os games utilizados em laboratórios de informática trouxeram o dinamismo de aprender jogando, os círculos de leitura trouxeram a possibilidade de compreensão coletiva de uma obra. E assim, os adolescentes que estão cursando os anos finais do ensino fundamental mergulham em várias possibilidades de aprender de forma inovadora. Portanto, é preciso considerar todas as ferramentas tecnológicas como aparato indispensável aquisição de competências e habilidades também leitoras, que revelam as mudanças na qual a sociedade enfrenta constantemente.

Dessa forma, é preciso compreender que a leitura e a escrita em tempos digitais acontecem de forma diferente daquela que aprendemos na escola, com exceção da escrita de alguns documentos oficiais e trabalhos acadêmicos e escolares que primam e necessitam da utilização da norma culta da língua.

Ressalta-se ainda, que mídias digitais não só modificam a visão de mundo de seus usuários, como também algumas habilidades, dentre elas, as cognitivas. Isto acontece devido a

articulação de diferentes formas de enunciação (verbal, visual e sonoro) que se apresentam nos computadores e celulares. Ao serem modificadas as formas de interação do sujeito leitor/escritor com o texto lido ou digitado, percebe-se que:

O oral e o escrito se dissolvem, principalmente levando-se em conta as condições de produção discursiva digital de um tipo de 'fala' que faz uso da escrita mediada pelo teclado. Trata-se, sem dúvida, de mudanças no processo de construção discursiva da linguagem e não de mera construção ou invenção de novos códigos (FREITAS; COSTA, 2011, p. 24). (citado por Castro, 2018)

Ultimamente nos deparamos com depoimentos variados acerca do livro, da escrita e das diversas formas de leituras e práticas que envolvam essa abordagem. Muitos dos alunos que vivenciam essa era digital, afirmam que gostam de ler textos retirados da internet, ou mesmo do whatsapp, ainda que sem profundidade ou referência teórica. A verdade é que a leitura de um livro tornou-se incômoda ou até mesmo inadequada para muitos jovens e adolescentes que estão crescendo em contato direto com as tecnologias digitais.

Sendo assim, o desafio de reafirmar a importância da leitura em todos os estágios é mais que necessária neste momento que atravessamos. São tempos de mudanças que necessitam de um olhar cuidadoso dos educadores, para que a sua influência seja positiva mediante as novidades que se apresentam a todo instante para os alunos.

Dessa forma, convidar os educandos à reflexão das práticas que são pertinentes ao universo principalmente das

linguagens é algo muito pertinente. Contudo, compreender as dificuldades pessoais e até mesmo as diferenças de opiniões trará para a sala de aula o movimento da empatia, da compreensão, da colaboração, da participação e da visão de mundo necessários à convivência amistosa e colaborativa nos espaços educacionais.

Os espaços educativos sempre serão melhores ao promoverem o diálogo, a participação coletiva sobre pautas que causam divergências de opiniões. A melhor condição que pode ser dada é a de questionar e refletir.

Quando a escola se abre para esse entendimento, as inúmeras possibilidades surgem partindo de realidades e vivências diferenciadas que se entrelaçam no interior da escola. O universo estudantil mediante as transformações que estão acontecendo são motivos para repensar as práticas docentes, as metodologias e os conteúdos a serem trabalhados no currículo escolar.

Portanto, o contato direto com a internet deve ser uma possibilitadora de mudanças do modo ver uma determinada realidade, encontrando nela, motivos para a melhoria e qualidade do ensino e da aprendizagem.

“Numa sociedade em que o visual, o sonoro e o verbal apresentam numa amalgama, fica perceptível a necessidade do professor empreender novas formas de ensinar. Sendo capaz de explorar os recursos digitais disponíveis, como as redes sociais e os diversos recursos comunicativos utilizados pelos/as discentes. Faz-se necessário repensar toda a atividade docente a fim de responder aos novos anseios de uma sociedade cada vez mais digitalizada que usa

esses recursos como parte importante e significativa de seu fazer e de seu ser no mundo". (CASTRO, 2018).

Contudo, o primordial é promover a aprendizagem dentro de um ambiente acessível e colaborativo, onde se respeitem as individualidades e toda a diversidade contemplada no interior das instituições de ensino.

Assim, o valor indispensável ao ser humano é reconhecido como algo inegável e para que haja aprendizagem é preciso se sentir partícipe do processo, reconhecido nas suas diferenças, sejam elas de orientação sexual, étnica ou social.

METODOLOGIA

O trabalho de caráter descritivo e bibliográfica, bem como explicativa, descritiva e bibliográfica, pois irá descrever através de uma pesquisa bibliográfica em artigos, revistas, livros e periódicos e em obras de teóricos reconhecidos nesse campo de estudo que forneceram subsídios teóricos bastante significativos para a fundamentação da temática em questão como por exemplo, Souza e Silva (1994); Cócoco e Hailler (1995); Moll (1996) entre outros, e também por meio de uma pesquisa de campo na: Escola municipal localizada no Município de Cajazeiras – PB, a pesquisa tomará caráter explicativo por explicar as principais dificuldades dos alunos em ler, compreender e escrever sobre o que leu. Para a realização dessa pesquisa, serão utilizados dois instrumentos metodológicos importantes: a observação direta e o questionário com os professores do Ensino Fundamental, da Escola Municipal supracitada.

Caracterização do local pesquisado

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Crispim Coelho foi inaugurada em 31 de Janeiro de 1988, que até 2013, foi também de Ensino Fundamental I, inscrita no CNPJ sob o nº 01.910.309/0001-81, e INEP 25008153, com IDEB de 5,39 referente a 2017, localizada a Rua Romualdo Rolim, S/N, no bairro Centro, Cajazeiras – PB. Atualmente trabalha com o Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – EJA, atendendo os alunos do bairro e das comunidades vizinhas, essa instituição tem como meta a preparação do educando para o meio social e estudos posteriores. Os professores dessa instituição de ensino são comprometidos com o ensino e mostram-se interessados no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Os planejamentos elaborados baseados na realidade dos alunos procurando associar objetivos-métodos-conteúdos. Mas contam também com problemas como a falta de acompanhamento familiar, a maioria dos pais e responsáveis não acompanham a vida escolar dos filhos e dificulta o desenvolvimento das metodologias de ensino, muitos alunos se mostram desinteressados.

A estrutura física da escola é razoável, a escola conta com oito salas de aulas, três banheiros (um masculino, um feminino e um para funcionários e professores), uma sala que é usada como secretaria escolar e a direção administrativa, uma sala para coordenação pedagógica, uma sala usada como sala dos professores, uma biblioteca e cantina, uma sala de vídeo, uma sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE. O espaço para lazer é pequeno os alunos quase não tem espaço para brincar.

O quadro de funcionários da escola é composto por uma Diretora Administrativa, uma secretária e uma auxiliares de secretaria, um coordenador pedagógico, 37 professores, um vigia, um porteiro, um Orientador Educacional, uma merendeira e uma auxiliar de cozinha, três agentes administrativos, três Auxiliares de Serviços Gerais. A escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite. Tendo cerca 467 alunos. Os docentes que trabalham na instituição são todos graduados e alguns são pós-graduados. Os planejamentos ocorrem semanalmente com a participação do coordenador pedagógico e professores. A escola tem um P.P. P (Projeto Político Pedagógico) que foi elaborado por toda a comunidade escolar: gestores, professores, coordenadores. O PPP é avaliado a cada dois anos e reajustado quando necessário.

Caracterização dos Sujeitos

A pesquisa será realizada com os alunos dos 6º ano, regularmente matriculados na referida Unidade de Ensino da rede municipal – Escola de Ensino Fundamental Crispim Coelho, que totaliza 106 alunos, desse total serão trabalhados com uma amostra de 30 alunos, e juntos os professores que atuam no Ensino Fundamental II, buscando entender o ponto de vista de cada um dos professores acerca do problema em questão que é as dificuldades de leitura e escrita dos alunos da referida escola. É importante destacar que esse público alvo foi escolhido devido o grau de dificuldades que eles apresentam ao iniciar o Ensino Fundamental II, identificando os fatores que dificultam os alunos a ler e escrever pode-se traçar estratégia para sanar esse problema ao logo do ensino.

Instrumentos de coleta e procedimentos de dados

Como instrumento de coleta de dados será utilizado um questionário com 10 (dez) questões abertas. Para elaboração do questionário, foram feitas observações em rodas de conversas e debates abertos com os professores buscando a opinião deles a respeito das dificuldades de leitura e da escrita dos alunos, os problemas de assimilação, os métodos que podem superar essas dificuldades e minimizar os fatores que contribuem para o fracasso da prática de ler e escrever.

Na primeira etapa será aplicado o questionário em forma de entrevista com uma amostra de 30 alunos de um total de 106 distribuídos nos turnos matutino e vespertino e regularmente matriculados no 6º ano, bem como os professores que lecionam nessas turmas, será aplicado também um teste diagnóstico que avalia e qualifica a aprendizagem do aluno em termos da leitura e escrita. Na segunda etapa far-se-á a coleta dos dados e demonstração dos resultados em gráficos e Por fim, a terceira etapa será feita a análise gráfica dos resultados, a qual será classificada como análise quantitativa, qualitativa e descritiva dos resultados. Quantitativa por apresentar o quantitativo dos resultados distribuídos no gráfico, qualitativo uma vez que será feita a análise da evolução do aluno e descritivo por descrever o perfil do aluno e seus resultados.

Estrutura da Pesquisa

A pesquisa em questão, além da Introdução e das Considerações Finais, será estruturada em 3 capítulos pertinentes ao tema proposto em que no primeiro capítulo

tratará de detectar que tipo de dificuldade de aprendizagem que os alunos encontram, para o segundo capítulo será feita uma abordagem na tentativa de compreender quais os problemas que essas dificuldades podem ocasionar as dificuldades em ler e escrever, bem como detectar os fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, e por fim o terceiro capítulo irá rever estratégias para tentar minimizar essas dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, entende-se que a leitura refere-se ao processo de apreensão de certos tipos de informação contida num suporte especial, que são transmitidos por certos códigos, que pode ser caracterizado como idioma, quanto a escrita trata-se, do sistema de sinais convencionais utilizado para escrever que posteriormente será lido e interpretado, cuja interpretação favorece a produção de outro texto. Pode-se perceber, que a carência e/ou deficiência na leitura e conseqüentemente na escrita, surge desde o Ensino Fundamental I se estende até o Ensino Fundamental II, fazendo com que haja uma dificuldade maior dos alunos em ler, compreender e produzir os textos que são propostos nas disciplinas ao longo de o Ensino Fundamental II.

As deficiências sentidas pelos alunos levam professores à busca de soluções para tais problemas, principalmente em disciplinas que o uso da leitura e da escrita são instrumentos indispensáveis para a execução das atividades propostas, diante dessa situação entende-se que o professor desempenha um papel fundamental uma vez que este seja um impulsionador e incentivador nesse processo da

ler e escrever. Desta forma os alunos sentem-se mais encorajados ao saberem que existe alguém que aposta na sua capacidade, pois muitas vezes o sujeito traz consigo uma experiência negativa com a escrita que o impede de se legitimar como um leitor e produtor de textos. E assim com amadurecimento da prática da leitura e escrita esses alunos tornar-se-ão leitores e produtores de textos eficientes e legítimos.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. & GRAJAN, A. **Manual de Psicopatologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ALIENDE, F. (Org.). **A leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA Leticia de Oliveira Basílio1
Thiago Ferigati Squiapati Nicolau Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 148-165, 2017.

ALIENDE, F. (Org.). A leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALLIENDE, F. et al. Compreensão da leitura 1: fichas para o desenvolvimento da compreensão da leitura com crianças de 7 a 9 anos. Campinas: Editorial Psy II, 1994

ALLIENDE, F. et al. Compreensão da leitura 2: fichas para o desenvolvimento da compreensão da leitura com crianças de 10 a 12 anos. Campinas: Editorial Psy II, 1994b

ALLIENDE, F. et al. Compreensão da leitura 3: fichas para o desenvolvimento da compreensão da leitura com adolescentes. Campinas: Editorial Psy II, 1994c.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; CASTANHEIRA, Salete Flores; MACHADO, Veruska Ribeiro. A formação do professor como agente letrador. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

CARACIKI, Abigail Muniz. Dislexia distúrbio de aprendizagem. Rio de Janeiro: Enelivros, 1994.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. 10. Ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CASTRO, Raimundo Márcio. Palavra escrita, palavra digitada: a leitura na era digital.

Revista Plurais – Virtual, Anápolis - Go, Vol. 8, n. 3 – Set. / Dez. 2018 – p.502

COSTA, Marta Morais da. Literatura, Leitura e Aprendizagem. Curitiba: IESDE Brasil/A. 2008.

COSTA, Celso Ribeiro-Dificuldade de Aprendizagem de Leitura e Escrita. Abordagem sobre as dificuldades demonstradas por alunos na aprendizagem da leitura e escrita.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br>

FREIRE, Paulo. Família e escola: Em busca da formação do leitor. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FERREIRO, Emília. Com todas as letras. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Biblioteca da Educação, v. 2).

_____. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1998.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. Metodologia do ensino de língua portuguesa/ Maria Lúcia de Castro Gomes. – Curitiba: Intersaberes, 2012.

JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

_____. Formando crianças produtoras de texto. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994b.

LERNER, Delia. Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário, Porto Alegre, Artmed, 2002

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed34, 1993.

LIMA, Ana Maria Peixoto LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS TURMAS DE 6º ANO Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª anos) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares. Orientador: Prof. Dr. Harrison da Rocha Brasília/DF, novembro, 2015.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. Cadernos ASLEGIS, n. 48 Janeiro/Abril, 2013. Brasília. p. 11-46.

MARANHE Elisandra André Uma Visão sobre a Aquisição da Leitura e da Escrita. Núcleo de Educação a Distância – UNESP / São Paulo, 2011.

MELLO, S; MILLER, S. O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos. Pró-Infantil: Curitiba, 2008.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. Reflexões sobre as várias dimensões de atuação do professor de educação infantil na estimulação da aquisição da leitura e da escrita pelas crianças. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes Dias (Org.). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Dificuldade no Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 15, pp. 163-188., fevereiro de 2017.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa. Brasília: 1997.

PEREIRA, Lucas de Almeida. Os primórdios da informatização no Brasil: o “período paulista” visto pela ótica da imprensa. História (São Paulo) v. 33, n.2, p. 408-422, jul./dez. 2014.

SANTOS, M. T. M. dos; NAVAS, A. L. G. P. Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática. São Paulo: Manoele, 2002.

SILVA, Leilane Martins P. da. Dificuldade de Aprendizagem na leitura e na escrita de crianças nas séries iniciais. Rio de Janeiro, 2005.

SIMÕES, D. Consideração sobre a fala e a escrita: Fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Magda, Letramento: um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VYGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZARZALEJOS, José Antonio. Cidadania Digital. Revista Uno. São Paulo. p. 11-13. n. 24. Maio 2016. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wpcontent/uploads/2016/01/UNO_24_BR_alta.pdf

ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CABRAL, Leonor. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Lingüística. 2ª Ed. São Paulo – SP. Editora Scipione. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/iniciacaocientifica>.> Acesso em: 12 de Novembro de 2017.

_____, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 6. Ed. São Paulo: Scipione, 2001.

CITOLER, S. D. Las dificultades de aprendizaje: Un enfoque cognitivo. Lectura, escritura e matemáticas. Málaga: Ediciones Aljibe, 1996.

CÓCCO, Maria Fernandes e HAILLER, Antônio. ALP. Alfabetização. Análise, linguagem e pensamento: Um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista. São Paulo: FTD, 1995.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**: Lidel - Edições Técnicas. Lisboa, 2009.

ESCORIZA NIETO, J. **Dificultades en el proceso de composición del discurso escrito**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

FONSECA, V. **Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Editorial Notícias: Lisboa, 1984.

HERBERTZ, D. H.; VITÓRIA, M. I. C.: **Leitura e escrita no ensino superior: Dois processos que se complementam**. PUC-RS, 2014.

HOFFMANN, Jussara M. L.. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JALONGO, M., TWIEST, M. & GERLACH, G. (1999). *The college learner: reading, studying and attaining academic success* (2 ed.). New Jersey: Prentice-Hall INC. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 18 de Novembro de 2017.

KLEIMAN, A.; MATENCIO, M. L.: (Org.) *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. São Paulo: Mercado de Letras, 1994/2000.

_____, A.(Org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LERNER, D.; trad. ROSA, E.: **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o imaginário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, D. F. & FERREIRA, L. G.: *Leitura e Escrita na Escola: Desafios e Possibilidades na Formação de Leitores e Escritores*. **Periódico de Divulgação Científica da FALS** Ano IV - Nº VII- Jan/Abr 2010 - ISSN 1982-646X.

MACEDO, Maria S. A N; BARROSO, Nuno P. Práticas de letramento acadêmico de estudantes-convênio de graduação: uma análise das relações entre língua e identidade. *Revista Brasileira Estudos Pedagógicos*, v. 91, n. 229, p. 604-621, 2010.

MACHADO, Ana M. N. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. *In*: BIANCHETTI, Lucidio, MACHADO, Ana M. N. (org.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações**. 2.ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006, p. 45-66.

MARQUESIN, D. F. B.; BENEVIDES, C. R.; BAPTISTA, D. C. *Revista de Educação: Leitura e Escrita no Ensino Superior*. Faculdade Anhanguera de Jundiá. 2014

MELLO, Ana M.C., VITÓRIA, Maria I. C. Textos opinativos nos concursos vestibulares: a possibilidade de conjugar os verbos ler e escrever em primeira pessoa. *In*: SMITH, Marisa M., BOCCHESI, [et al.] (org.) **(Sobre)escrevendo a redação de vestibular**. PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 12-27.

MOLL, J.; **Alfabetização Possível**: reiventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. **Dificuldade no Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. *Revista Científica Multidisciplinar*

Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 15, pp. 163-188., fevereiro de 2017. ISSN: 2448-0959

PRADO, G.V. T.; SOLIGO, R. **Porque escrever é fazer história**. Campinas/SP: Graf. FE, 2005.

RANGEL, Mary & MACHADO, J.C. O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

ROJO, R. H. R. A concepção de leitor e produtor de textos nos PCN: “Ler é melhor que estudar”. In: FREITAS, M. T. A. e COSTA, S. R. (Org.). *Leitura e escrita na formação de professores*. São Paulo: Musa/UFJF/Inep-Comped, 2002. p 31-52.

SANTANA, I. **A Aprendizagem da Escrita**. Estudo sobre a revisão cooperada de texto. Porto: Porto Editora, 2007.

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi dos. A importância da leitura no ensino superior. Anais do 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/index.htm> Acesso em: 22 de Novembro de 2017. São Paulo: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

